



Recuperar a política

► A negação do mundo político só favorece o mercado. Cria monstros

Um dos piores legados do golpe, da Lava Jato e do governo Bolsonaro é a negação da política. O espetáculo punitivo, moralista e messiânico da República de Curitiba deixou na população a impressão firme e indistigível de que não só os políticos são naturalmente corruptos, mas também a atividade da política é suja, vergonhosa.

O processo penal do espetáculo, com um juiz ao estilo Big Brother, que assume uma figura militante, e as operações contra a corrupção como forma de criminalização teatralizada da política aumentam o sentimento coletivo de que esta é uma tarefa desprezível e, portanto, deve ser negada, quando não combatida. Todos contra a política. A política contra nós.

Nas pesquisas realizadas em parceria com Pablo Ortellado e Lucia Nader durante as manifestações pró-*impeachment* ao longo de 2015, o antipartidarismo era um componente evidente, lado a lado com o antipetismo. Na manifestação contra o PT de 16 de agosto de 2015 na Avenida Paulista, 96% dos manifestantes declararam que não estavam satisfeitos com o sistema político, enquanto 73% afirmavam não confiar nos partidos e 70% não confiar nos políticos.

Quando perguntamos quem inspirava mais confiança, o nome de Bolsonaro aparecia em primeiro lugar: 19,4% dos entrevistados confiavam muito nele. Naquela mesma manifestação, apenas 11% dos presentes disseram confiar no PSDB, partido

no qual tinham votado majoritariamente, e 1% no então PMDB, legenda que iria ocupar a Presidência da República se o *impeachment* pedido pelos manifestantes tivesse sucesso – como teve.

Igualmente formulamos uma série de possibilidades como resposta à pergunta “Quem poderia resolver a crise brasileira?” Entre as opções propostas pela nossa equipe de pesquisa, 56% escolhiam total ou parcialmente que “entregando o poder a alguém de fora do jogo político”, 64% para “um juiz honesto” e 88% para um “político honesto”. Era a construção progressiva das figuras de Bolsonaro (*outsider* tido como honesto) e de Sérgio Moro como salvadores da nação. A solução deveria vir de fora do sistema. Diante de um cenário de percepção de aumento da corrupção política, valores como honestidade e ética apareciam como imprescindíveis no protótipo do político desejável.

Ao longo da campanha eleitoral de 2018, nas declarações dos meus entrevistados bolsonaristas, as palavras “esperança” e “mudança” sempre apareciam atreladas à figura de Bolsonaro. Ele seria o único político honesto de Brasília, o único não corrompido.

Meses depois, muitos entrevistados já não pensam igual, mas agora é tarde demais. Da mesma forma, Moro aparece caracterizado por eles como herói, salvador, alguém que “tem uma tarefa”, “é um enviado”, e, ainda mais, “vai limpar o Brasil” dos políticos corruptos que, numa visão dualista da justiça, representam o mal, o inimigo a ser exterminado, “um câncer”. Nesse sentido, as garantias jurídicas, o devido processo penal, são só obstáculos para levar a cabo a verdadeira cruzada contra a corrupção. Os políticos são

inimigos e os inimigos não têm direitos. É a “justiça” contra a política. A inquisição contra a política.

A quem interessa esse desprestígio da política? Bom, há um lado claramente favorecido. Se o Estado não funciona porque é corrupto, então quem funciona é... o mercado. Se as empresas estatais não funcionam por serem ineficazes e sumidouros de dinheiro público, então privatizemos. Se os políticos profissionais são todos corruptos, votemos em juizes, apresentadores de tevê, empresários, bispos ou militares. Se os partidos, os sindicatos e os movimentos sociais são todos corruptos, então a saída é o individualismo, a meritocracia, cada um por si. E também a família e a Igreja, pois um bom dízimo é sempre bem-vindo, o capitalismo celestial funciona muito bem. A terra é corrupta, os céus não.

Parece-me que este é o grande desafio para os democratas dos próximos anos, e não só os brasileiros. Reencantar-se com a política. Levar a política para o cotidiano, para a escola, para a rua, para o bairro. Levar a política democrática, progressista e inclusiva para as emoções e os sentimentos. Repensar os partidos e as estruturas de representação coletiva para estarem próximos dos cidadãos, para significarem algo mais do que siglas, para darem sentido à vida. Sim, eu sei que com frequência dá vontade de mandar à merda também os partidos de esquerda. Ok, vamos mandá-los à merda mentalmente e na intimidade das amizades, ou do lar, mas lutemos por eles, por mudá-los, por fazê-los nossos. Lutemos com coragem e obstinação. Somos testemunhas dramáticas de que a negação da política só produz monstros. •

redacao@cartacapital.com.br